



**CIRANDA DE PEDRA: EXCLUSÃO DA MULHER NA FAMÍLIA ONTEM E HOJE
CIRANDA DE PEDRA: EXCLUSION OF WOMEN IN THE FAMILY YESTERDAY
AND TODAY**SALDIVIA, Rosane Nunes¹**RESUMO**

Este Artigo propõe um estudo do papel da mulher no contexto da década de 50, a partir da obra “Ciranda de Pedra, da autora Lygia Fagundes Telles. A personagem Virgínia sofre graves preconceitos, numa sociedade profundamente machista, o que nos leva a analisar esta temática de extrema relevância. Buscamos fundamentar aspectos teóricos da literatura, bem como acrescentar dados da área da Sociologia e do Direito, para compreender se houve ou não evolução no papel da mulher desde o contexto apresentado na obra em questão. Virgínia teve de lutar bravamente por respeito e espaço em sua época, o que representa a trajetória de milhões de mulheres durante as décadas subsequentes. Verificamos alguns avanços em termos de legislação, com políticas de apoio às mulheres, seja nas relações de trabalho ou familiares, ao fazermos um paralelo com o tempo da obra, porém ainda há avanços a serem conquistados.

Palavras-chave: exclusão. Gênero. Brasil. História. Literatura.

ABSTRACT

This Article proposes a study of the role of women in the context of the 1950s, based on the work “Ciranda de Pedra, by the author Lygia Fagundes Telles. The character Virgínia suffers serious prejudices, in a deeply sexist society, which leads us to analyze this extremely relevant topic. We seek to substantiate theoretical aspects of the literature, as well as add data from the area of Sociology and Law, to understand whether or not there has been an evolution in the role of women since the context presented in the work in question. Virginia had to fight bravely for respect and space in her time, which represents the trajectory of millions of women during subsequent decades. We have seen some advances in terms of legislation, with policies to support women, whether in work or family relationships, when drawing a parallel with the time of the work, but there are still advances to be achieved.

Key words: exclusion. Gender. Brazil. History. Literature.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Letras, Português e Espanhol e respectivas Literaturas - Unilasalle, Especialista em Tecnologias Digitais e EAD - Faculdade Estratego, Mestre em Educação - UNIB Porto Rico. E-MAIL:rosanens@yahoo.com.br

Neste trabalho apresentamos como tema a exclusão da mulher, analisado na obra de Lygia Fagundes Telles, sob a ótica de duas áreas que se entrelaçam: a Sociologia e a Literatura.

Os períodos pesquisados remontam ao século XX, na década de 50, quando foi escrita a obra estudada e o século XXI, em que encontraremos os resultados das lutas femininas na busca a uma posição social mais independente e o combate à exclusão da mulher na sociedade brasileira, assim como análise dos avanços e direitos adquiridos até hoje. Por ser um assunto amplo foi pesquisado tendo como referência o Brasil, até porque em outros países vemos estagnação da causa.

O objetivo do trabalho é esclarecer, abordar e pesquisar a evolução histórica da luta das mulheres brasileiras por emancipação pessoal, literária e profissional.

Neste estudo o método era abordar a história passada e atual das mulheres e sua evolução. Esse trabalho é resultado de um estudo minucioso de épocas, gênero e superação das mulheres brasileiras, representado pela personagem Virgínia. Virgínia é a protagonista da obra; uma menina que vive em uma casa sem muito conforto com sua mãe Laura (que intercala grandes períodos de insanidade com raros momentos de lucidez), seu padrasto e médico de sua mãe, Daniel e a empregada Luciana (que é apaixonada por ele). E, nos fins de semana visita as irmãs, Otávia e Bruna, na casa de seu pai Natércio, onde convivem com Letícia, Afonso e Conrado (sua paixão), vizinhos e coleguinhas das irmãs.

Embora todos lhe deem pouca atenção, Virgínia sempre os enxerga como verdadeiras princesas e príncipes e, em seu pai, um homem que, por causa de sua mãe, não sabe demonstrar seu verdadeiro afeto por ela. É lá que ela se depara com uma fonte de anões, que imóvel, nunca a permite entrar e fazer parte do grupo, assim como todos os que ela conhece. Quando Laura piora, Virgínia vai morar com as irmãs até receber a notícia da morte dela e do suicídio do médico, seu verdadeiro pai. Em um misto de vergonha e culpa, além da rejeição por todos da casa, ela pede para Natércio interná-la em um colégio de freiras.

Nessa parte, temos um salto na história e nos deparamos com Virgínia saindo do colégio como uma mulher formada e que, depois de muito tempo, volta a

ser confrontada pelo passado. Ela volta a se deparar com Natércio já velho, que recebe pouco afeto das filhas; e então, passa a entender o motivo de sua mãe tê-lo largado por Daniel. Revê Bruna, ainda mais moralista, casada com Afonso, que a trai. Otávia completamente alienada que se tornou pintora e tem vários casos amorosos. Letícia, uma tenista de sucesso que se relaciona com mulheres. E Conrado, que vive isolado, com vários problemas sexuais. Convidada a fazer parte da ciranda da qual fora deixada de fora quando era criança, ela percebe que todos, no fundo, a invejavam e a temiam, o que a torna uma mulher cada vez mais forte, independente e segura. Uma mulher que, graças ao tempo, venceu seus fantasmas e libertou-se do seu passado.

2 DESENVOLVIMENTO

Para compreendermos o estudo da obra precisamos entender o que é literatura, Massaud escreve a respeito:

Não é de hoje que filósofos, estetas, críticos e historiadores vêm procurando conceituar a Literatura dum modo convincente e conclusivo. Na verdade, por mais esforços de clarividência que tenham sido feitos, o problema continua em aberto, pelo simples fato de que, nesse particular, somente podemos falar em conceito, nunca em definição. Esta, pertence ao campo das Ciências, e corresponde ao enunciado das características universais e essenciais dum objeto, material ou imaterial (MOISÉS, 1973, p. 16-17).

O autor ainda cita que “Literatura é imitação (“mímesis”) da realidade. Como verificaremos neste estudo, a obra imita a vida e a autora Lygia F. Telles usa a temática relacionada à sociedade da época: família, posição da mulher e sua exclusão, assim como os conflitos familiares que foram e são cada vez mais presentes na vida de cada ser humano.

No texto de Massaud ele afirma que a palavra é o meio próprio de comunicação entre os homens e este é o atributo exclusivo da Literatura, pois dentre as Artes, esta é a única que a emprega como meio de expressão. Esse privilégio torna a Literatura a arte por excelência. A Literatura nada mais é do que uma arte do

mais alto nível, uma forma completa de atingir o ser humano nas mais diversas áreas: Para o alemão Max Weber, a literatura entra em sintonia com a sociologia por ter como objetivo o sentido da ação humana individual que deve ser buscada pelo método da compreensão. Weber tenta definir a atividade social de uma forma mais racional, no sentido que ele estabelece seus diferentes tipos, agrupando-os de acordo com o modo pelo qual os indivíduos orientam suas ações, sendo uma delas de ação afetiva, que são aqueles determinados por afetos ou estados sentimentais, elementos analisados neste trabalho.

De acordo com Lourenço do Rosário, o universo literário é igualmente o melhor espaço para guardar os valores que o Homem, enquanto ser social e coletivo, foi desenvolvendo e pretende transmitir aos seres vindouros, de modo a preservar a identidade própria e ainda cita: “A literatura é o lastro que sedimenta a identidade das sociedades.” (ROSÁRIO, 2007, p. 144).

Na obra *Ciranda de Pedra* podemos conhecer de perto o contexto sócio-político da década de 50, conseguindo compará-la aos dias de hoje com seus avanços ou sua estagnação, pois os textos de ficção, ainda podem ser usados como texto de pensamento social como é citado na revista *LOCUS*: “Toma-se o evento narrado no livro de literatura para se confirmar o que foi constatado na observação direta sobre a vida e as relações sociais, sem se perguntar como o enunciado ficcional pode revelar para além daquilo que está diretamente referenciado.” (FAGUNDES, 2011, p. 155).

Seria conveniente registrar alguns escritores de literatura, entre tantos, de que os historiadores lançam mão para afirmar o quanto é válido examinar as realidades pela literatura: Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, Raul Pompéia, Mário de Andrade, Charles Dickens, Marcel Proust, Flaubert, José de Alencar, José Lins do Rego, Eça de Queirós, Pedro Nava, Balzac, Charles Baudelaire.

Ciranda de Pedra é uma obra literária escrita pela autora Lygia Fagundes Telles, nascida em São Paulo em 1923. Passou a infância no interior do Estado, em pequenas cidades onde seu pai foi delegado e promotor público. Voltando à capital,

matriculou-se no curso ginásial do Instituto de Educação Caetano de Campos, quando escreveu seus primeiros contos. Formou-se na Faculdade Superior de Educação Física, ingressou na Faculdade de Direito da USP no início da década de 40, colaborando ativamente nos jornais e revistas da escola. *Ciranda de Pedra* foi seu primeiro romance, que saíra em 1954 e depois, vieram ainda outras obras e prêmios: *Verão no Aquário* (1958), *Antes do Baile Verde* (1969), *As Meninas* (1973), *Seminário dos Ratos* (1977), *Filhos Pródigos* (1978), *A Disciplina do Amor* (1980), entre outras. *Intimista*, a obra de Lygia Fagundes Telles revela aguda penetração psicológica na análise dos sentimentos e conflitos do homem na sociedade. A autora escreveu o livro *Ciranda de Pedra* num momento em que o país não estava pronto para ouvir o clamor das mulheres, mas que já ansiava pela sua fatia de atuação na sociedade brasileira. Uma época em que as escritoras escreviam com pseudônimos em colunas de jornais para não serem perseguidas, ou com medo de que fossem descartados os seus trabalhos.

A proposta de Lygia Fagundes Telles na literatura em estudo foi o demonstrar personagens que fugiam do que seria o “recomendado” na época. A autora pretendia criar um tema que transcendesse o mundo ficcional e se tornasse um espelho da sociedade, ultrapassando a visão imposta ao feminino como sendo o “sexo frágil”, sem força e sem voz, pois apresenta temas novos na época: a homossexualidade e a independência da mulher, que foi começando a tomar forma.

Lygia, com certeza, foi uma escritora à frente de seu tempo, pois sempre abordava temas que provocaram debate e que eram tabus na sociedade da época (década de 50), tais como homossexualidade, preconceito, divórcio, exclusão, hoje também conhecida como bullying. Por esta genialidade é reconhecida hoje como grande autora, quando se tornou membro da Academia Brasileira de Letras e ocupou a 28ª cadeira da ABL.

Servindo à burguesia em ascensão, depois da revolução industrial inglesa na segunda metade do século XVIII, o romance tornou-se o porta-voz de suas ambições, desejos, veleidades e, ao mesmo tempo e, sobretudo ópio, sedativo ou fuga da materialidade diária.

No século XIX, o romance passa a dominar em toda a linha, muito embora às vezes confundido com a novela ou dividindo com ela seu poder de influência. Também no Brasil o romance chegou tardiamente e é com o Modernismo que o romance atinge sua maior altura observada até hoje.

O objetivo da autora Lygia Fagundes Telles, ao criar a obra “Ciranda de Pedra” foi abordar fenômenos sociais da época. Candido escreve e fica claro: “Do ângulo do leitor, assim se passam as coisas”. (CANDIDO, 2000, p. 157). Ora, Literatura mistura imaginação com realidade, então cabe ao leitor qual ótica escolher para entender a história.

Quanto ao cenário e o tempo na obra, após estudo observamos que no enredo de Ciranda de Pedra o cenário tem muita importância, pois apresenta papel decisivo na compreensão da personagem, porque o jardim com os anões de mãos dadas representava a família fechada, excluindo-a.

Lygia busca induzir leitores à reflexão acerca da menina Virgínia (mulher em uma fase da vida) que é excluída do grupo familiar em função de erros dos pais e discriminada pela sociedade em que vivia, nesse caso, a escola, a família e os amigos. Foi também, um tempo em que as mulheres eram mais oprimidas e excluídas no meio trabalhista, pois poucas trabalhavam e a maioria cuidava do lar. Certos hábitos, costumes e segmentos da sociedade não incluíam a mulher e não aceitavam sua opinião ou criação literária. Igualmente como aconteceu com a personagem Virgínia. Outro autor com semelhante abordagem da mulher “fora de época” foi Monteiro Lobato, com as personagens Emília e Dona Benta na obra Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Marisa Lajolo (2001 apud COULMAS, 2014) é citada no livro Escrita e Sociedade que diz, que ao contrário das outras personagens lobatianas, cuja personalidade se mantém estável ao longo de todos os títulos da série, Emília, ao exercer sua capacidade de fala de maneira inventiva, crítica e irônica desfere uma trajetória crescente de independência. Nesta trajetória, questiona verdades estabelecidas, propõe novos pontos de vista, desafia padrões e viola normas, sendo lida como porta-voz de Monteiro Lobato, também ele um intelectual crítico e

participante de todas as questões importantes da primeira metade do século XX, sobre as quais tomou partido, exprimindo suas posições sem medo, nem papas na língua.

Dona Benta foi outra personagem de Monteiro Lobato à frente de seu tempo. Surgiu em um momento em que o poder masculino no lar abrangia aquele previsto em lei. Cabia à dona Benta desempenhar em sua propriedade todas estas funções, o que pode ser visto como um avanço no modo organizacional de vida do Sítio/Brasil, pois neste ambiente rural que, no Brasil da época, era marcado pela forma de organização masculina e patriarcal, ocorreria aquilo que não existia nem nos grandes centros urbanos como o ambiente em que vivia a personagem Virgínia. Não havia limites para Dona Benta e ela sempre estaria atenta às novidades da ciência, pois assim poderia aproveitá-las para o uso prático em seu sítio, ou para repassá-los às crianças como descreve no livro de Britto e Santos (2008, p. 501): “Dona Benta costumava receber livros novos, de ciência, de arte, de literatura. Era o tipo de velha novidadeira. Bem dizia o compadre Teodorico: ‘Dona Benta parece velha, mas não é, tem o espírito mais moço que o de jovens de vinte anos.’”. Podemos perceber que D. Benta é uma mulher que teve algum acesso à educação, aquela que, segundo Bicalho (1989), teria beneficiado parte da população feminina urbana, até o fim do século XIX e início do XX, que era alheia aos progressos do ensino e da ‘cultura’.

Beltrão em seu livro Sociologia da Família Contemporânea cita um trecho do autor Clyde Kluckhohn em que ele classifica e acrescenta as funções protetora e universal da família como “universais, quando escreve:

A família, sempre e em toda a parte, tem sido uma “agência” para a proteção e o adestramento da criança para cuidado dos velhos e doentes. O modo e a extensão desse adestramento e cuidados podem variar consideravelmente, mas a função básica sempre existiu – é uma constante. Em toda e qualquer sociedade, a família sempre tem sido a instituição fundamental para a transmissão daquelas maneiras típicas de viver, que os antropólogos denominam de cultura. (BELTRÃO, 1973, p. 19).

Mesmo havendo controvérsias existentes no campo teórico, podemos dizer que, na prática, estruturas familiares são aqueles quadros fixos, não precisamente

CIRANDA DE PEDRA: EXCLUSÃO DA MULHER NA FAMÍLIA ONTEM E HOJE. AUTOR(A):
SALDIVIA, ROSANE NUNES.

formais, nem rígidos, nem muito estáticos, dos quais se desenvolve a vida e atividade familiar. Todas as famílias têm um ciclo familiar, isto é, os diferentes períodos da vida de uma família, mormente o tempo em que a prole permanece sob a dependência, ao menos psicossociológica, senão jurídica, da família de ascendência (e orientação), antes de constituir a própria família de descendência.

A família tem várias funções na vida do ser humano tais como: biológica (transmissão da vida humana; econômica (provisão de bens materiais); protetora (segurança contra os riscos da existência); cultural (de transmissão de conceitos e valores sociais); estratificativa (de atribuição do “status” social); integrativa (controle social). Na obra *Ciranda de Pedra* o “pai” ficou neutro na provisão de apoio psicológico e o incentivo cultural ficou por conta do internato onde a menina viveu. As irmãs da escola a educaram muito bem, sendo que Virgínia saiu de lá formada e uma mulher moderna, pronta para a vida lá fora.

No caso da personagem Virgínia, não convém nos ater em deveres do Estado, mas sim na falta que fez a ela ter uma família convencional que a incluísse. Toda sua insegurança vinha de um lar sem base e ansiava a uma família unida e estável.

De acordo com estudo, Silva (2009, p. 19) classificaria Virgínia como um membro de uma “família composta e também chamada de complexa, conjunta, formada por três ou mais cônjuges e seus filhos”. Pode existir “em sociedades monogâmicas, quando um segundo casamento dá origem às “[...] relações de adoção” do tipo madrasta, padrasto, enteados, com a presença de dois cônjuges simultaneamente. Refere-se a um núcleo de famílias separadas, mas ligadas pela sua relação com um pai (ou mãe) comum.”.

Na época da literatura, o papel da mulher era bem delineado como esposa, mãe e cuidadora do lar. Como uma mãe poderia trair seu marido e ficar impune? Todos cochichavam e a menina sofreu, desde a casa do “suposto” pai, assim como no colégio interno, administrado pelas freiras que lhe mantinham a distância, também pelas irmãs por parte do pai que ficaram aliviadas de não ter que dividir espaço com ela, condenando-a a ficar com a mãe quando da descoberta da traição dela. E a menina sentia esta exclusão, mas sobreviveu e cresceu. Soube passar por cima de todos os preconceitos e se tornar uma moça culta e diríamos, “socialmente melhor” que as irmãs que

foram criadas com todo luxo e “de acordo” com o que a sociedade ditava ser “correto”. Quando se transformaram em moças, começaram a cair máscaras e as verdades apareceram...” (SILVA, 2009, p. 19).

Na escola Virgínia se sentia muito mal, excluída pelo regime preconceituoso da sociedade na época, como vemos a seguir:

Saía do colégio como entrara, com a blusa branca sem nenhuma condecoração e para aquelas mulheres devia ser esse o meu impedimento à sua felicidade. ‘É a melhor da turma’, concordavam tacitamente. No entanto, jamais provara das pequeninas glórias concedidas a outras que a abandonaram. É que havia certas coisas. Parece tão dissimulada, dizia irmã Clara. ‘Tem olhos de quem já viu coisas terríveis!’ assombrava-se irmã Flora. E é filha de pais separados, houve muito escândalo – pensavam todas. – Foi aceita como uma exceção, um caso especial. Não pode participar das regalias a que as demais têm direito. (TELLES, 1982, p. 91).

Para entender Virgínia, precisamos compreender inicialmente o que vem a ser personagem de romance: são “pessoas” que vivem dramas e situações dentro da narrativa, como se fossem seres vivos, idênticos a nós próprios. Mas como são “representações” verbais, “ilusões”, ou “sugestões”, recebem o nome de “personagens”. Via de regra só “gente” pode ser personagem de romance e que animais só são personagens de fábulas conforme é afirmado por Massaud em seu livro *A criação literária: Introdução à problemática da literatura* (MOISÉS, 1973, p. 197).

Virgínia era uma menina cheia de fantasmas e sentia-se rejeitada como um pássaro perdido no ninho. Bauman Zygmunt (2001) explica em seu livro *Modernidade Líquida* um pouco deste processo:

No encontro de estranhos não há retomada a partir do ponto em que o último encontro acabou, nem troca de informações sobre as tentativas, atribulações ou alegrias desse intervalo, nem lembranças compartilhadas: nada em que se apoiar ou que sirva de guia para o próximo encontro. No momento do encontro não há espaço para tentativa e erro, nem aprendizado a partir dos erros ou expectativa de outra oportunidade. Deve haver “civildade”, isto é, a atividade que protege as pessoas umas das outras, permitindo, contudo, que possam estar juntas. Usar uma máscara é a essência da civildade. As máscaras permitem a sociabilidade pura, distante das circunstâncias do poder, do mal-estar e dos sentimentos privados das pessoas que as usam. A civildade tem como objetivo proteger

os outros de serem sobrecarregados com nosso peso. (ZYGUMUNT, 2001, p. 111-112).

Virgínia optou por esta civilidade quando resolver ir para o colégio interno. Não brigou, nem reclamou, entendeu sua posição e se afastou, fazendo ao pai este pedido: “Pai, eu queria ficar interna. - Interna? Queria morar no colégio mesmo. Posso?” (TELLES, 1982, p. 83).

Isso acontece nas famílias como o autor Bauman Zygmunt (2001) explica como uma estratégia que consiste em “vomitar”, cuspir os outros vistos como incuravelmente estranhos e alheios: impedir o contato físico, o diálogo, a interação social que marca bem o sentimento de Virgínia que, de acordo com Bauman Zygmunt (2001) descobriu os “não-lugares” na casa do pai Natércio. Os não-lugares partilham certas características com nossa primeira categoria de lugares ostensivamente públicos, mas enfaticamente não-civis: desencorajam a ideia de “estabelecer-se”, tornando a colonização ou domesticação do espaço quase impossível. Os residentes temporários dos não-lugares são possivelmente diferentes, cada variedade com seus próprios hábitos e expectativas; e o truque é fazer com que isso seja irrelevante durante sua estada. Quaisquer que sejam suas outras diferenças deverão seguir os mesmos padrões de conduta: e as pistas que disparam o padrão uniforme de conduta devem ser legíveis por todos eles, independente das línguas que preferam ou que costumem utilizar em seus afazeres diários. O que quer que aconteça nesses “não-lugares”, todos devem sentir-se como se estivessem em casa, mas nem sempre é assim.

Não-lugares são aeroportos, quartos de hotel, transporte público, mas é assim que Virgínia vivia na casa com a família do pai e das irmãs. Como se não fosse sua casa! Bauman Zygmunt (2001, p. 122) explica: “O vazio do lugar está no olho de quem vê e nas pernas ou rodas de quem anda. Vazios são os lugares em que não se entra, onde se sentiria perdido e vulnerável, surpreendido e um tanto atemorizado pela presença de humanos.”.

Virgínia, quando criança, não conseguiu conviver com a diferença que sua família fazia dela. A esse respeito, Bauman Zygmunt (2001, p. 123) menciona mais:

CIRANDA DE PEDRA: EXCLUSÃO DA MULHER NA FAMÍLIA ONTEM E HOJE. AUTOR(A):
SALDIVIA, ROSANE NUNES.

A capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. Essa capacidade é uma arte que, como toda arte, requer estudo e exercício. A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias, ao contrário, se autoperpetuam e reforçam: quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais a intensa a ansiedade que ela gera.

Como a menina não foi criada junto das irmãs, excluía-na, demonstrando que ela não era bem-vinda! Podemos dizer que, no final da narrativa, Virgínia volta curada deste trauma de infância e achando-se pronta para esta comunidade que a esperava, agora de outro nível social e intelectual, pois não dependia mais de adultos, nem do “pai”, sabia o que queria para o seu futuro. Na sua conversa com Conrado explica que vai viajar com a ajuda do pai e depois iria atrás de oportunidade profissional e pessoal, demonstrando ainda sua repulsa à família que agora lhe aceitava, porém ela não se sentia parte dela.

Depois de certos avanços, durante o século XIX, a mulher de elite passou a marcar presença em café, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre - “a convivência social dá maior liberalidade às emoções -, não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Agora, os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizados nesta época. Convém não esquecer que a emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para as mulheres novas e pesadas atividades no interior do espaço doméstico.

As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. Entretanto, essas atividades, além de não serem muito valorizadas, não eram bem-vista socialmente. Tornavam-se alvo de maledicência por parte de homens e

mulheres que acusavam a incapacidade do homem da casa, ou observavam sua decadência econômica. Já as escravas eram além de privadas de sua liberdade e ainda meninas de seis anos em diante trabalhavam na roça. Outras mulheres, contrariando as expectativas sociais, tornaram-se poetisas.

Tivemos em 13 de maio de 1888 a abolição da escravatura com a Lei Áurea, quando muitas mulheres adquiriram sua liberdade como indivíduo, assim como a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889 que provocou uma efervescência no povo. Em seguida, as mulheres foram, juntamente com as crianças, importante mão-de-obra na indústria nascente. No entanto, as imagens idealizadas que serviam de referência de distinção para a elite urbana foram utilizadas como justificativa, por parte dos empresários, para o pagamento de baixos salários e, por parte de muitos líderes operários, para a tentativa de exclusão das mulheres e crianças do mercado de trabalho. Após a Segunda Guerra Mundial muita coisa mudou, as mulheres foram à luta e começaram a exercer várias profissões, inclusive as professoras já eram consideradas profissionais desde o século XIX.

Apesar de todos os avanços, a luta da mulher continua hoje no séc. XXI. A mulher ainda tem que completar suas duas jornadas ao longo do dia: trabalho e família. Avanços foram grandes, mas calculando perdas e ganhos, ainda a “sombra” da exclusão paira sobre as mulheres por motivos de raça, etnia, religião, entre outros, pois ainda escreve Cláudia Fonseca no livro História das Mulheres no Brasil, que escreve que no mesmo país, o discurso legal sobre a família é extremamente reducionista; nele só está presente o modelo de família patriarcal, monogâmica e nuclear, atravessando as épocas e as mudanças sociais. (FONSECA, 2004).

De toda a sua história ao longo dos séculos, a mulher foi aos poucos adquirindo seus direitos: respeito à cor e raça, de votar e ser eleita, divórcio, de ter uma profissão, ter liberdade de dispor de seu corpo, proteção à vida, greves trabalhistas, liberdade sexual, entre outros.

Para se compreender a construção dos direitos fundamentais das mulheres, faz-se necessário tecer uma breve descrição historiográfica sobre a evolução do

conceito o que é ser mulher em cada momento histórico da humanidade, que já foi citado em outro item deste trabalho.

A partir de 1945, no final da Segunda Guerra Mundial, os homens retornaram aos seus antigos empregos e essas mulheres que tinham ido trabalhar fora de casa, estavam insatisfeitas por serem obrigadas pelo Estado a voltar aos seus afazeres domésticos, sendo novamente excluídas da vida pública. Esta nova geração de mulheres insatisfeitas deu origem aos movimentos feministas radicais dos anos 1960 e 1970. Em relação à emancipação, este movimento social lutou pela igualdade jurídica entre mulheres e homens no campo profissional e familiar. Mesmo assim, apesar dos ganhos substanciais no aumento do poder da mulher desde que a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, adotada em 1979 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, a discriminação dos gêneros ainda está infiltrada em todo o mundo. A discriminação institucional é mais difícil de identificar e corrigir. Tradições culturais podem perpetuar a exclusão e a discriminação social de uma geração para outra, devido a estereótipos de gêneros que se mantêm amplamente aceitos e permanecem inalterados.

O resultado da luta em prol da modificação dos direitos civis e da mulher foi aprovada em 1988 a isonomia jurídica (ou princípio de igualdade jurídica) está prevista no artigo 5º, inciso I, da Constituição Federal (BRASIL, 1988) que afirma: “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações nos termos desta Constituição”. Com esta isonomia aprovada inúmeros direitos foram adquiridos: licença maternidade de 120 dias; proteção do mercado de trabalho da mulher, mediante incentivos específicos; a assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até os seis anos de idade, em creches e pré-escolas; o compartilhamento do exercício do pátrio poder na sociedade conjugal; divórcio do casamento civil após um ano de separação judicial ou 2 anos de separação de fato; o reconhecimento da União Estável entre homem e mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento; o reconhecimento como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

No novo Código Civil brasileiro (Projeto de Lei original 634 (BRASIL, 1975), que veio a converter-se na Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002), que entrou em vigência em 10 de janeiro de 2003 (um ano após sua publicação), os direitos fundamentais das mulheres previstos na Constituição Federal de 1988 foram incorporados ao seu texto.

Temos a grande conquista da mulher na luta contra a violência que é a Lei Maria Da Penha - Lei nº 11.340 (BRASIL, 2006), que regulamenta os casos de violência doméstica e familiar praticados contra a mulher. Criada em 2006, a lei protege as mulheres da violência doméstica e representa um avanço na legislação brasileira. Entre as inovações legais está a impossibilidade de a vítima retirar a queixa de agressão, a menos que isso seja feito perante o juiz, em audiência marcada exclusivamente com este fim. A criação de um fone para entrar em contato em caso da mulher se sentir ameaçada que é o 180 - Central de Atendimento à Mulher que funciona 24 horas e a ligação é gratuita e para casos imediatos, ainda é utilizado o fone 190 para chamar a polícia ou fone 100 para a Secretaria dos Direitos Humanos que garante o sigilo da vítima.

Para Weber, as ideias, as crenças e os valores eram os principais catalizadores das mudanças sociais. Ele acreditava que os indivíduos dispunham de liberdade para agir e modificar a sua realidade.

Da história de Virgínia pra cá, os tempos mudaram e com ele as famílias também. Veja bem, o “tipo ideal” da família de outros tempos, com os seguintes elementos, funcionalmente interdependentes: rural – extensa – numerosa – parental; e o tipo-ideal da família hoje, com estes outros elementos: urbana – nuclear – reduzida – conjugal. Naquela o matrimônio era de “razão”; nesta é “de coração”. Naquela, a autoridade era “marital”; nesta “parental”, no sentido de que a mulher e mãe participa da autoridade familiar, numa diferenciação de papéis que corresponde às características específicas do ser masculino e do feminino, podendo admitir primazia ao homem no exercício da autoridade em família, mas não exclusividade.

As mulheres sempre lutaram, não apenas pela sobrevivência, mas pela significação cultural das conquistas históricas da modernidade. Neste atual momento

do século XXI, elas estão se organizando e tentando ir em frente, não buscando apenas novos direitos fundamentais, mas acreditando no seu direito de definir seu próprio caminho, enquanto cidadãs. A compreensão do direito de definir seu próprio caminho enquanto cidadãs deverão estar em consonância com o surgimento de um novo tipo de homem, que esteja aberto como um cidadão consciente a compartilhar de forma pluralista e democrática as definições jurídico-político e culturais sobre a condução do público e privado em nossa sociedade global.

A personagem Virgínia teve uma infância e adolescência cheia de traumas psicológicos, dúvidas, carências, numa época em que a transformação social e feminista estava em ebulição no Brasil. Quando Virgínia retorna ao seio familiar vem como uma mulher moderna que não tinha objetivo do sistema patriarcal da sua geração: casar e ter filhos. Volta agora formada e disposta a colaborar com essa nova sociedade composta de “novas” mulheres com “novas” ideias, por isso resolve viajar e não ficar com o amor de sua juventude. Veja bem que agora ela sabe bem o que quer ser: uma ótima profissional e uma mulher independente, seguindo as mudanças da sociedade dos anos 50.

Hoje, a citação na obra Ciranda de Pedra escrita pela própria autora apresenta a mulher moderna e atual: “Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos. Agora somos nós que vamos dizer o que somos.”
<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Cibele-Beirith-Figueiredo-Freitas.pdf>

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto “exclusão da mulher” foi e será sempre atual, pois enquanto aqui se avança, em outros continentes há retrocessos. Por isso este foi o tema escolhido, por haver muita opinião controversa. Cada cidadão deve ter acesso às informações dos seus direitos e deveres, seja ele homem ou mulher, independente de raça, idade, etnia ou religião.

Dados recentes demonstram que, embora o trabalho da mulher não seja tão rentável quanto o do homem, seu salário não é proporcional a essa diferença, é bem mais baixo; o que mostra a discriminação contra as mulheres na fixação dos salários. Mesmo assim cresceu muito o número de mulheres chefes de família que não tem a presença do pai de família e elas são a única fonte de renda do lar.

De todo o estudo, podemos destacar a luta do feminismo no Brasil, os avanços obtidos e que a literatura contribuiu para esta evolução, moldando uma sociedade. A trajetória da personagem Virgínia na obra Ciranda de Pedra mostra perfeitamente como aconteceu essa transformação social na época e como isso afetou e ainda nos alcança hoje em dia.

Encerro este estudo citando a afirmação de Norberto Bobbio, um dos maiores pensadores do nosso tempo, que diz que a revolução da mulher foi a mais importante revolução do século XX.

Como disse Che Guevara: Endurecer sim, mas sem perder a doçura! Assim são as mulheres nas suas conquistas sociais, emocionais e pessoais... Pretendem chegar muito adiante ainda!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Pedro Calderan. **Sociologia da família contemporânea**. 2ª edição, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **O bello sexo**: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina. São Paulo: Vértice, p. 79-99, 1989.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 634, de 1975**. Dispõe sobre o Código Civil. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1975.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e

CIRANDA DE PEDRA: EXCLUSÃO DA MULHER NA FAMÍLIA ONTEM E HOJE. AUTOR(A):
SALDIVIA, ROSANE NUNES.

Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Seção 1, p. 1.

BRITTO, Clovis Carvalho; SANTOS, Robson dos. **Escrita e Sociedade** – Estudos de sociologia da literatura. GOIÁS: Editora da UCG, 2008.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade** – Estudos de Teoria e História literária. 8ª edição. São Paulo: T.A Queiroz editor, 2000.

COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade**. São Paulo: Parábola, 2014.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. Instrução, educação e sentimento nacionais: os Brasis imaginados de José Veríssimo e Guimarães Rosa. **Locus: revista de história**, v. 17, n. 1, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20343>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: introdução à problemática da literatura. 1973.

ROSÁRIO, Lourenço do. **Singularidades II**. Maputo: Texto Editores, 2007.

SILVA, Marcos Emanuel Andrade. O afeto como elo estruturante da família contemporânea e seus efeitos patrimoniais. Montes Claros – MG, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de Pedra**. Edição grandes sucessos, SP: Editor Victor Civita, 1982.

ZYGMUNT, Bauman. **Modernidade Líquida**. RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2001.